

Artigo recebido em

18/09/2014

Aprovado em

26/10/2014

**FAUSTO AMARO**

Programa de Pós-

Graduação em

Comunicação da

Universidade do Estado

do Rio de Janeiro –

faustoarp@hotmail.com

Doutorando do PPGCom

da Uerj. Mestre pela

mesma instituição,

com apoio da Capes;

pesquisador associado ao

Laboratório de Estudos em

Mídia e Esporte (LEME/

Uerj) e membro do grupo

“Esporte e Cultura”,

cadastrado no CNPq.

Endereço eletrônico: [www.comunicacaoesporte.com](http://www.comunicacaoesporte.com)

# O *Jornal do Brasil* e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos: notas de uma pesquisa

**Fausto Amaro**

## **Resumo**

Sintetizo nesse artigo os principais achados e questões teóricas apresentados em minha pesquisa de Mestrado, defendida em fevereiro do ano corrente no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPG-Com/Uerj)<sup>1</sup>. De maneira ampla, abordei a representação do herói olímpico no *Jornal do Brasil* na segunda metade do século XX. Minha hipótese, seguindo a conclusão de Helal, Cabo e Marques (2009), era que, diferentemente das Copas do Mundo, nas Olimpíadas, os jornalistas esportivos se valeriam de um arcabouço textual distinto para descrever seus objetos de análise (os esportes e os atletas) e para construir histórias de vida. Verifiquei a validade dessa afirmação tendo como corpus de investigação as edições do Caderno de Esportes do referido jornal ao longo das treze Olimpíadas da segunda metade do século XX – de Helsinque-1952 à Sydney-2000.

Palavras-chave

Esportes; Representação; Mídia.

## **Abstract**

In this paper, I summarize the main findings and theoretical issues presented in my Master's thesis, defended in February of this year in the Post-graduate Program in Communications from the State University of Rio de Janeiro (PPGCOM / Uerj). Broadly, I discussed the representation of Olympic hero in the *Jornal do Brasil* in the second half of the twentieth century. My hypothesis, following the conclusion of Helal, Cable and Marques (2009), was that, unlike the World Cup, in the Olympics, the sports journalists would use a different textual framework to describe their objects of analysis (sports and athletes) and to construct life stories. I checked the validity of this claim taking as the corpus of research the editions of the Sports Section of the Journal during thirteen Olympics over the second half of the twentieth century - from Helsinki-1952 to Sydney-2000.

Keywords

Sports; Representation; Media.

Estudos em Jornalismo  
e Mídia

Vol. 11 Nº 2

Julho a Dezembro de  
2014

ISSNe 1984-6924

**472**

---

1- O trabalho completo pode ser consultado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ. Acessível em: <[http://www.bdt.d.uerj.br/tde\\_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=4557](http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=4557)>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n2p472>

**A** presente pesquisa teve como foco a análise da construção midiática da imagem dos atletas-heróis brasileiros na segunda metade do século XX nas páginas do Caderno de Esportes do *Jornal do Brasil* (JB). Tive como ponto de partida a premissa de que existe uma clara diferenciação na forma como a mídia brasileira representa os ídolos do futebol e aqueles dos demais esportes olímpicos, ressaltando aspectos qualitativos distintos em suas descrições. A hipótese assumida por Helal (*et al*, 2009) é a de que os recursos acionados pela imprensa para a construção dos heróis futebolísticos são distintos daqueles utilizados para os heróis de outros esportes. Enquanto no futebol seriam ressaltadas características ligadas à genialidade e ao talento nato, sem a valorização do esforço e do treinamento, ou seja, essencializações típicas do herói-malandro nacional; nos outros esportes olímpicos, existiria certa preferência pelas narrativas que enfocam o empenho, a disciplina, a garra e a dedicação desses atletas, isto é, atributos ligados ao herói clássico (CAMPBELL, 1995). Esses diferentes simbolismos associados à identidade nacional revelariam como o brasileiro enxerga a si próprio e quais emblemas de brasilidade a imprensa procura exaltar durante esse evento esportivo.

Acompanhar o discurso jornalístico sobre as Olimpíadas também me permitiu, seguindo o programa sociológico de Bourdieu (2004), observar as mudanças nas práticas do esporte. Refiro-me mais especificamente às evoluções dos desempenhos atléticos, às hegemonias

nacionais e ao ideal de corpo perfeito no esporte.

Por motivos de espaço, tive de operar escolhas para a montagem dessa comunicação. Alguns pontos da pesquisa serão mais privilegiados que outros. Sendo assim, em um primeiro momento, retomo alguns elementos essenciais que foram trabalhados nos cinco primeiros capítulos de minha dissertação. Em seguida, apresento sucintamente algumas questões relevantes referentes à metodologia adotada. Em um terceiro tópico, exponho as conclusões pontuais obtidas na análise de cada edição dos Jogos. Por último, nas considerações finais, deixo evidentes meus achados gerais de pesquisa.

### **Estrutura da pesquisa**

Iniciei minha dissertação abordando os estudos na área de Comunicação que enfocam o esporte como temática principal. Essa breve visita aos cânones da área no Brasil sustentou minha crítica a pouca atenção dada aos Jogos Olímpicos. A meu ver, há um número pequeno de estudos relacionados a esse evento esportivo e aos esportes que compõe sua programação. Estaríamos mais próximos de um diálogo entre Comunicação e Futebol do que propriamente entre Comunicação e Esporte, apesar de todo histórico dos Estudos Olímpicos no Brasil em outras áreas de conhecimento. Desse modo, falar em pouca produção sobre esportes (à exceção do futebol) ainda é uma crítica pertinente.

Em seguida, trabalhei a questão da identidade nacional, tratando tanto dos debates em torno do conceito em si quanto das reflexões propostas por dois dos mais influentes “intérpretes do Brasil”: Gilberto Freyre (2003) e Sérgio Buarque de Holanda

(1995). A identidade nacional, como pude observar, é motivo de fortes controvérsias desde o século XIX, não havendo consenso sobre se ela de fato existe ou se é “apenas” uma invenção teórica. A despeito disso, muitos intelectuais refletiram sobre o que seria o caráter nacional brasileiro. Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda se debruçaram sobre os traços marcantes do *ethos* nacional, no que destaco a “crença no sobrenatural”, o “personalismo” e o “maternalismo”, identificados por Freyre, e o “culto da personalidade”, a “falta de hierarquia”, a “desordem”, a “ânsia de prosperidade sem custo, de posição e riqueza fáceis”, a “cordialidade” e o “individualismo”, pontuados por Holanda. Em maior ou menor grau, em oposição ou concordância, todos esses pontos foram encontrados nas narrativas do *Jornal do Brasil*. Por último, nesse mesmo capítulo, também introduzi a reflexão mais contemporânea de Roberto DaMatta (1997) sobre o dilema brasileiro e os temas não-sérios que nos ajudam a entender o Brasil. DaMatta considera central a dicotomia indivíduo e pessoa para a compreensão da formação brasileira, a qual também me ajudou a pensar a questão do herói enquanto um habitante desse limiar.

O debate sobre o conceito de herói, aliás, ocupou todo o capítulo três. O herói enquanto figura paradigmática está presente em várias esferas sociais: no mundo das artes e dos esportes, principalmente. O esporte produziria mais heróis devido a seu caráter agonístico. O herói brasileiro seria formado por algumas características peculiares, dentre elas destaco o sucesso e a vitória obtidos sem esforço, graças ao talento nato. Aqui vemos reproduzida a “ânsia de

prosperidade sem custo” identificada por Holanda no *ethos* nacional. Este tipo de narrativa seria percebido principalmente no futebol. O arquétipo clássico (ou universal), entretanto, postula que o herói seria aquele que triunfa após se esforçar arduamente. As provações, por sua vez, parecem fazer parte tanto da trajetória do herói brasileiro quanto do herói clássico. Em relação ao herói olímpico brasileiro, parti da hipótese de Helal (*et al*, 2009), segundo a qual seriam percebidas nesse tipo heroico predicados mais próximos ao herói clássico. De fato, minha pesquisa mostrou que o treinamento, o esforço e o trabalho duro são elementos peremptórios para a glória olímpica e, por isso, o discurso jornalístico os valoriza sobremaneira, o que não eliminou, porém, a presença de algumas narrativas sobre o talento nato.

A origem e a história dos Jogos Olímpicos eram, a meu ver, etapas básicas a ser compreendidas antes de iniciar a análise do *JB*. Dos Jogos Antigos até as Olimpíadas da Era Moderna existe um grande intervalo. Enxergar uma continuidade entre os dois eventos é uma tarefa hercúlea, mas que foi buscada por Pierre de Coubertin. Seu sonho de reviver o exemplo grego, no entanto, ficou muito mais no mundo das ideias. Os Jogos Modernos são uma competição diferente dos Jogos Antigos, ainda que remetam constantemente a eles, seja por meio dos rituais olímpicos ou dos discursos oficiais. No material empírico analisado, pude perceber como as intenções de Coubertin foram captadas com diferentes julgamentos de valor pelo discurso jornalístico, em especial o ideal olímpico do amadorismo.

O capítulo cinco, que foi dedicado à metodologia de pesquisa, dividiu-se em três partes centrais: a explicação sobre

2- Fundado em 1891 por Rodolfo Epifânio de Souza Dantas (1855-1901), o *JB* foi um dos jornais de mais longa duração na história da imprensa brasileira e se manteve uma voz importante durante toda sua existência como veículo impresso. Desde a década de 1960, contudo, a vendagem do *JB* experimentou um processo de gradativo declínio que, somado às dívidas trabalhistas acumuladas, culminou com a extinção do jornal em seu formato impresso em setembro de 2010. A partir de então, o jornal decidiu manter-se apenas em seu formato on-line, enfatizando, porém, o pioneirismo dessa ação através do slogan: “O primeiro jornal 100% digital do Brasil”.

3- <?>

Sublinho que a análise do material jornalístico se concentrou no intervalo que vai do terceiro dia anterior ao início do evento até o terceiro dia posterior ao seu final, segundo as datas oficiais expostas nos sites do COI e do COB.

4- Todo acervo do *Jornal do Brasil* está disponível on-line, digitalizado, para acesso público. Fonte: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/jornal-do-brasil>>.

o *corpus* (sobre a qual falarei a seguir), a reflexão sobre o conceito de representação e uma breve história do *Jornal do Brasil*<sup>2</sup>. A representação, pelo viés da história cultural, muito colaborou para que eu compreendesse e efetuasse melhor minha análise sobre os atletas-heróis. Investigar as dinâmicas do *JB* na segunda metade do século XX se revelou, assim, uma chave para o entendimento do jornalismo esportivo, embora meu foco estivesse restrito aos Jogos Olímpicos.

## Metodologia

Como defini as edições específicas que focaria e como justifiquei essa escolha? Ora, trabalhei com a representação jornalística dos atletas no *Jornal do Brasil*. Em teoria, qualquer atleta pode, por caminhos distintos, atingir o *status* heroico. Conquistar medalha, contudo, se apresenta como o caminho mais óbvio. Outros existem, com certeza, e foram descritos na pesquisa. Desse modo, optei por não me limitar apenas às edições dos Jogos em que o Brasil foi mais bem sucedido (maior número de medalhas), ainda que esta fosse minha ideia até o momento limiar da Qualificação. Nele, fui demovido da ideia de restringir (o que havia feito até então) e voltei a ampliar meu objeto. A partir daquele momento, o *corpus* passou a compreender todos os Jogos Olímpicos realizados na segunda metade do século XX. De cinco olimpíadas passei a treze. A quantidade de trabalho aumentou proporcionalmente, mas acredito que o resultado tenha sido recompensador.

Restava ainda justificar minha escolha pela segunda metade do século XX, e não a primeira ou quiçá o século XXI. Na primeira metade do século XX, o Brasil participou apenas de cinco das dez Olimpíadas

ocorridas e, além disso, conquistou apenas quatro medalhas. Mesmo que não estivesse levando o critério de medalhas como um imperativo para a escolha, ele continuava sendo um ponto relevante. Outrossim, as delegações olímpicas brasileiras eram relativamente pequenas até Londres (1948) e foram, embora não progressivamente, aumentando a partir de Helsinque (1952). O século XXI foi excluído por compreender apenas três Jogos, sendo que em um deles (Londres, 2012) o jornal escolhido como fonte já não mais existia em seu formato impresso. A segunda metade do século XX se mostrou, assim, como um percurso mais promissor em termos históricos, sociais e desportivos.

Elenco ainda os três motivos que me levaram a escolher o *JB*: facilidade de acesso às fontes<sup>4</sup>; relevância do periódico – um dos principais jornais brasileiros desde o final do século XIX, o “preferido dos apaixonados pelo esporte” (MELO, 2012, p. 31); e, por último, acredito que a saída desse jornal do formato impresso deva estimular pesquisas que renovem o seu valor como fonte histórica relevante.





Figura 1: Capas do *JB* nos dias 19 de julho de 1952, 10 de outubro de 1964, 17 de julho de 1976, 17 de setembro de 1988, 15 de setembro de 2000 (datas de abertura dessas Olimpíadas).

Por último, desejo enfatizar, tomando emprestado um trecho de artigo de Cabo e Helal (2011, p. 95), que “refletir sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura é fundamental para que possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias e discursos identitários, apesar da

objetividade jornalística, que se constitui um dos pilares da profissão”. O jornalismo esportivo, em particular quando fala de esportistas nacionais, se permite torcer patrioticamente, o que não é admitido pelas demais editoriais jornalísticas.

**Alguns comentários sobre os resultados gerais da pesquisa**

Nas primeiras edições dos Jogos investigadas, a cobertura jornalística era extremamente objetiva e havia pouco espaço para narrativas pormenorizadas sobre os atletas, mesmo os medalhistas, o que fez com que eu me questionasse se havia ali realmente uma construção próxima ao *ethos* heroico. Quando o esporte passou a ocupar mais espaço no Jornal do Brasil, processo que se desenrolou entre Roma (1960) e México (1968), as narrativas começaram a se aprofundar na rotina dos Jogos e na história de vida dos atletas. Nesse ponto, o questionamento sobre se havia ou não uma construção heroica já não se fazia mais tão pertinente. Não obstante, ressalto que a construção do mito do herói nas narrativas sobre os Jogos Olímpicos não opera de modo tão óbvio quanto nos períodos de Copa do Mundo.

A seguir, tento sintetizar em poucas linhas a análise sobre cada Olimpíada, por isso, me detenho apenas no discurso sobre os atletas-heróis, deixando de explorar outras temáticas secundárias, porém relevantes, que estiveram presentes ao longo da minha pesquisa.

Nas Olimpíadas de Helsinque (1952), o desempenho dos atletas brasileiros recebeu pouca atenção ao longo da cobertura do *JB*, perdendo-se entre tabelas que expunham os resultados gerais. O relato era objetivo e sucinto, pois grande parte das informações provinha de agências de notícias internacionais, o que permaneceu sendo parte do *modus operandi* do periódico ao longo de outras edições dos Jogos. As colunas especiais relatavam com um pouco mais de profundidade e parcialidade a participação brasileira. Uma recorrência em especial despertou minha atenção: os atletas brasileiros foram repetidas vezes alcunhados de “nossos

patricios”. Essa construção sinalizava para um sentimento de identificação com os atletas e servia como um reforço dos laços nacionais.

Foi possível identificar uma construção heroica em torno apenas de Adhemar Ferreira da Silva (medalista de ouro no salto triplo), ainda que bem modesta se comparada ao espaço dedicado atualmente aos ídolos do esporte. No entanto, o mesmo tratamento discursivo não pôde ser confirmado em relação aos outros atletas medalhistas e não-medalhistas, por vezes simplesmente esquecidos (como ocorreu com o nadador e medalhista de bronze Tetsuo Okamoto). Quando eram citados, suas qualidades (técnica e habilidade) apareciam associadas ao treinamento. Caso tivesse de mencionar um eixo central para leitura das narrativas sobre Helsinque, pontuaria o reforço do nacionalismo e dos feitos brasileiros diante da elite do esporte mundial.

Nas Olimpíadas de Melbourne (1956), os atletas brasileiros, que participaram timidamente das competições, não figurando no pódio ou sequer em uma boa posição, foram noticiados juntamente com informações gerais de outros esportes e de competidores estrangeiros. Suas descrições eram, assim, encobertas pelo emaranhado de outros dados. Sobre os derrotados pouco se era dito, mantendo o padrão observado em Helsinque. Em relação ao uso da língua vernácula no jornalismo, percebe-se a utilização de uma miríade de adjetivos na descrição dos feitos de um atleta, tais como “magnífico”, “esplendido”, “fenomenal”, dentre outros. Ainda hoje se recorrem aos adjetivos elogiosos no jornalismo esportivo, mas a redação é dotada de um tom mais comedido. Destaco que as principais chaves de compreensão

da narrativa sobre os Jogos de Melbourne assemelham-se àquelas utilizadas alhures sobre Helsinque. O sentimento nacional continuava muito forte no discurso jornalístico.

Em Roma (1960), há uma maior atenção, nas páginas de esporte do *JB*, aos atletas nacionais, o que poderia ser resultado tanto da conquista da Copa do Mundo de 1958, após os fracassos em 1950 e 1954, quanto da vitória no Mundial de Basquete em 1959. Apesar disso, o sentimento ufanista ainda estava presente, mas de modo menos explícito e efusivo do que em 1952 e 1956. Aliás, ao contrário de 1956, em que verifiquei certa associação de atributos heroicos a Adhemar Ferreira da Silva, não observei a mesma construção acerca do nadador Manuel dos Santos (medalhista de bronze). Não houve, em resumo, uma atenção às histórias de vida dos medalhistas, a partir das quais seria mais provável a identificação de componentes heroificantes. O fator treino figurou novamente como um aspecto fundamental dentro das narrativas.

Os Jogos de Tóquio-1964 trouxeram algumas modificações na construção da narrativa jornalística, quando, pela primeira vez, os bastidores da Vila Olímpica e as histórias pessoais de atletas (principalmente da saltadora Aída dos Santos e do cavaleiro Nelson Pessoa Filho) ocuparam um *locus* privilegiado enquanto fato noticiável. O nacionalismo, antes ufanista, naquele momento se revelava mais crítico ao desempenho brasileiro e à imagem do país no exterior (visto como um legado do esporte). O esforço e o treinamento se consolidavam enquanto aspectos vistos como primordiais para a preparação dos atletas e para a boa performance nas provas e jogos. Ao

mesmo tempo, a sorte começava a figurar enquanto um fator determinante no discurso jornalístico. Pude identificar algumas etapas da aventura heroica clássica na biografia de Aída como o esforço, a superação, as provações e o retorno triunfante ao mundo cotidiano.

A função memorialística esteve muito presente na narrativa em diversos momentos das Olimpíadas da Cidade do México-1968, seguindo uma tendência iniciada nos Jogos de Tóquio. Havia um forte pessimismo inicial pairando o discurso jornalístico em relação à participação brasileira, o que pode ser visto em vários pequenos trechos de matérias, por exemplo: “Como já se esperava, as Olimpíadas começaram mal para o Brasil...” (*JB*, 15/10, 1º caderno, p. 21). Após o encerramento dos Jogos, não foram desferidas críticas tão contundentes em relação aos dirigentes brasileiros como em Tóquio (1964) e Roma (1960).

O profissionalismo no esporte rondava cada vez mais os discursos, ainda que não se falasse nele explicitamente. Há também maior atenção às histórias de vida, tanto de atletas brasileiros quanto (ou até mais) de esportistas estrangeiros. Esse enfoque se comprovou pela presença de narrativas heroificantes sobre os medalhistas nacionais, principalmente aquela sobre o saltador Nelson Prudêncio (medalhista de prata). As características associadas aos esportistas brasileiros medalhistas seguiam se aproximando mais daquelas tidas como inerentes ao herói clássico.

Nos Jogos de Munique (1972), o treinamento manteve-se como um fator chave para entendermos as narrativas sobre os atletas olímpicos. Em inúmeros trechos de matérias ele se fez presente, tendo seu papel positivo para o

desempenho atlético sempre posto em relevo. Ao mesmo tempo em que crescia a importância da TV enquanto um novo meio de comunicação dos fatos esportivos (o que podia ser comprovado pela ênfase dada pelo *JB* à programação televisiva), aumentavam também os problemas com o *doping*, que se tornava uma preocupação cada vez maior para o COI (desde 1968) e se consolidava como uma pauta relevante para o jornalismo esportivo.

Em termos de construções heroicas, destaco aquela alicerçada sobre a história de Nelson Prudêncio. O atleta, que já havia sido destaque nos Jogos do México, conservara os requisitos para se consolidar como herói nacional. Seu talento e esforço legitimavam suas conquistas.

Em Montreal (1976), estar nas Olimpíadas somente pela participação, que, pode-se dizer, não era um demérito até as décadas de 1950/1960, já começava a ser visto como um fracasso para o Brasil enquanto nação em desenvolvimento. Essa preocupação podia ser lida nas transcrições de entrevistas de políticos e até de dirigentes esportivos, normalmente expostos como os grandes culpados pelos resultados adversos. Acompanhar esse debate me conduziu a uma reflexão sobre as continuidades na história do esporte brasileiro e do jornalismo esportivo. Apesar de nosso desempenho ter melhorado no século XXI, não é exagero comparar as críticas de 1976 às que são feitas atualmente ao COB e aos atletas pela imprensa especializada.

Montreal não foi uma Olimpíada sem heróis nacionais, mas poucos fizeram por merecer esse tipo de narrativa no *JB*. Na primeira metade dos Jogos, apenas o nadador Djan Madruga se sobressaiu. Na metade final, o destaque foi o saltador

João “do Pulo”. De todo modo, minha impressão foi de que as histórias de vidas heroicas não despertaram tanta atenção jornalística quanto em 1968 e 1972. As quatro palavras-chave que podem resumir o discurso jornalístico sobre a participação brasileira são, em ordem de importância: treinamento, sorte, superação e esperança.

Na narrativa sobre os Jogos de Moscou (1980), a imaturidade psicológica, que tinha como um de seus subprodutos o nervosismo, foi um aspecto relevante na interpretação do desempenho brasileiro. As dificuldades em lidar com o favoritismo foram igualmente verificadas. A sorte e o azar continuam sendo elementos invocados para justificar os resultados. A interseção divina foi amiúde requerida pelos atletas para explicar seus desempenhos. Paradoxalmente, o treino se mantinha também como um eixo chave.

Entre as narrativas heroicas, destacou-se àquela sobre João Carlos (“João do Pulo”). Ele foi o atleta que mais despertou atenção da mídia, seja em seus atos ordinários no cotidiano na Vila Olímpica seja durante seus treinos. Saliento que, embora o treinamento estivesse presente em quase todas as matérias, o atleta foi apresentado como um fora de série, para o qual não seria necessário sequer “força” para saltar. João pode ser lido como um herói universal, ainda que a narrativa sobre ele comportasse trejeitos típicos do herói nacional. No iatismo, por sua vez, o arquétipo do herói clássico foi mais predominante nas descrições de nossos atletas medalhistas, principalmente no que tange à ênfase no trabalho.

Não foram muitas as histórias de vida de atletas estampando as páginas do periódico durante as Olimpíadas de Los Angeles (1984), apesar do elevado número

de medalhistas (a maior quantidade até então). Havia certa preferência por descrever os resultados anteriores dos atletas, seus recordes e os prognósticos para suas participações. Os colunistas destacados para realizar a cobertura dessa Olimpíada muitas vezes se preocuparam mais em descrever o “clima geral” dos Jogos, digamos assim, do que o desempenho individual dos atletas brasileiros. O treinamento continuava sendo empregado na construção da imagem dos nossos heróis olímpicos, compartilhando espaço com a sorte e o azar, cada vez mais mencionados.

A máxima de Pierre de Coubertin, segundo a qual mais vale competir do que propriamente vencer, assumiu distintas interpretações ao longo das edições investigadas. Se, na década de 1950, ela ainda era adotada como uma justificativa plausível para os insucessos brasileiros – uma “desculpa” possível para os nossos fracassos –, a partir de 1960, o aforismo coubertiano permanece em uso, mas recebe uma nova significação, repleta de ironia. O nosso “hábito” de competir, ao invés de subir ao pódio, guiava as críticas jornalísticas ao planejamento esportivo brasileiro e a carência de apoio (público e privado).

Em Seul (1988), o treinamento permanecia legitimando os bons desempenhos e aparecia com recorrência, principalmente nas matérias que antecediam o início dos Jogos ou a realização de alguma prova específica. A humildade (vide as matérias sobre a ginasta Luísa Parente) e a sorte (vide aquelas sobre a tenista Gisele Miró) foram outros dois elementos muito observados. Por outro lado, o nervosismo e falta de intercâmbio continuavam sendo problemas salientados

na preparação dos atletas brasileiros.

Mais atenção foi dispendida às histórias de vida, no que sublinho aquelas sobre Taffarel (futebol) e Robson Caetano (atletismo). Ambos tinham o trabalho como ponto central de suas carreiras, o que os aproximava da tipologia do herói universal, embora demonstrassem traços tipicamente brasileiros como a religiosidade, no caso do goleiro brasileiro, e a irreverência e “malandragem”, no caso do velocista. Essa interferência do elemento nacional fora marcante até mesmo na trajetória do judoca Aurélio Miguel, cuja narrativa era exemplar do heroísmo clássico.

Nos Jogos de Barcelona (1992), os atletas brasileiros não-medalhistas despertaram considerável atenção midiática, o que destoa do que observei até então. As narrativas enfocaram as histórias de vida de muitos desses esportistas que não tinham sequer esperança de subir ao pódio, mas que possuíam algum episódio de superação em suas biografias. O treino e a humildade continuavam sendo características mencionadas nas matérias, bem como as narrativas sobre a família dos atletas e a recepção da torcida brasileira. A sorte e o acaso apareceram com grande frequência, como aspectos transformadores dos destinos dos atletas brasileiros. Juntamente com eles, estavam as superstições, as crenças e a religiosidade, citadas inúmeras vezes pelo *JB* ao descrever atletas, técnicos, torcedores e familiares. Em menor escala, mas como um elemento novo, notei um aumento da confiança geral dos atletas em um bom desempenho, efeito talvez da boa campanha em Seul (1988).

O judoca Rogério Sampaio foi sem dúvida o atleta mais aclamado e mais

citado nas narrativas, embora não contasse com nenhum favoritismo prévio, o qual era destinado a Aurélio Miguel (também judoca), Robson Caetano (atletismo) e Rodrigo Pessoa (hipismo). Os principais pontos de sua história de vida (família, cidade natal, iniciação no esporte, provações) foram repetidamente reiterados, no intuito, creio, de sedimentar a história do atleta-herói no imaginário esportivo nacional.

Nas Olimpíadas de Atlanta-1996, apesar do elevado número de páginas do caderno esportivo e dos suplementos especiais produzidos, as histórias de vida não acompanharam esse incremento quantitativo. Houve maior quantidade de notícias factuais do que propriamente a escritura desses textos de caráter biográfico. Havia mais confiança em vários esportes tidos como favoritos, o que era incomum nas outras edições dos Jogos. O excesso de confiança de um atleta, contudo, ainda era repreendido, pois fugia da humildade, historicamente valorizada no *ethos* atlético nacional.

O trabalho, o treinamento e a sorte continuavam sendo escolhidos para explicar o desempenho vitorioso. No caminho rumo ao triunfo, a humildade também era um valor predominante nas matérias. A fé, a superstição e as menções a Deus apareceram, ainda que com menos intensidade do que em outras Olimpíadas. A cobertura jornalística da comemoração entusiasmada das famílias, fãs e amigos na volta dos atletas vitoriosos permanece compondo um quadro imprescindível na trajetória do atleta-herói.

O esportista que conquistava uma medalha, consagrando-se como herói nacional, já não se satisfazia somente com o reconhecimento de seus compatriotas.

Um bom desempenho olímpico servia de vitrine para angariar patrocínios, que sustentariam o atleta durante o próximo ciclo olímpico. A lógica do mercado – investimento e retorno – parecia, de fato, permear progressivamente o mundo dos esportes. Essa mercantilização se refletia também nas manifestações de idolatria. Os atletas, além de heróis, eram cada vez mais reverenciados como ídolos *pop*.

Na edição de Sydney (2000), o aumento dos temas secundários ajudava a compor quase um retrato social dos bastidores das Olimpíadas (algo como uma coluna de fofocas). A preocupação com a memória olímpica, tanto das participações brasileiras como dos Jogos em si, é outro ponto que deve ser enfatizado. Os casos de *doping* pautaram elevado número de matérias, apontando para a consolidação dessa temática no imaginário olímpico contemporâneo.

Talvez devido ao desempenho em Atlanta, guardavam-se grandes expectativas e otimismo em relação à Sydney. O discurso jornalístico transbordava confiança em medalhas, até mesmo nas provas em que não éramos favoritos. Uma súbita tomada de consciência sobre nosso potencial esportivo parecia ter ocorrido, embora com um tom distinto do ufanismo verificado na década de 1950. Ao final dos Jogos, entretanto, o otimismo deu lugar ao desalento e a imprensa esportiva passou a tratar os resultados negativos com críticas e ironias.

Nas matérias anteriores ao início dos Jogos, notei menor ênfase ao treinamento dos atletas em cada esporte, em detrimento de uma maior atenção às curiosidades sobre os mesmos (como aquelas referentes ao tenista Gustavo Kuerten, o “Guga”), o que corrobora as teorias que identificam uma

vertente cada vez mais espetacularizada no jornalismo esportivo (cf. COSTA, 2010). Os recursos mais invocados para explicar as vitórias e fracassos foram paradoxalmente a sorte, a superstição, a humildade e o trabalho duro.

Entre as narrativas heroicas, destaco a de Carlos Honorato pela presença de um grande número de elementos ligados à saga heroica do atleta olímpico brasileiro: infância pobre, influência familiar positiva, início fortuito no esporte, provações, sorte, trabalho árduo e repartição do feito.

Acredito que o papel do Brasil enquanto potência esportiva ainda estava distante de ser alcançado ao final do século XX. Não obstante, havia sinais de que um processo de mudança, vagaroso, mas progressivo, estava em curso. Edição após edição crescia o número de brasileiros que chegavam aos Jogos com o *status* de favoritos em suas respectivas modalidades. Esse favoritismo se refletiu, como já dito, em uma permissão para sermos confiantes e em uma renovada atenção às histórias de vida.

### **Considerações Finais**

Alguns padrões nas narrativas jornalísticas puderam ser identificados ao longo das edições, mas algumas peculiaridades foram igualmente observadas. Isso pode estar associado às modificações dos anseios da sociedade brasileira e do que se esperava dos atletas. Nesse sentido, comprova-se a plausibilidade da hipótese de que o herói olímpico acompanhe realmente o desenvolvimento (cultural, social, político) da sociedade, uma vez que nela está inserido. Perceber essas nuances no discurso sobre os atletas-heróis, em diferentes edições dos Jogos

ou em uma mesma edição, me fez refletir sobre a intangibilidade de tentar propor um modelo único e rígido que abarcasse todos eles. Nisso, tendo a lembrar de Stuart Hall (2011) em sua opção por falar em identificações ao invés de identidades dos sujeitos pós-modernos. Se, por um lado, o esforço e o trabalho legitimam as conquistas do herói olímpico, por outro, o talento nato não pode ser simplesmente ignorado, uma vez que também aparece nas narrativas jornalísticas, mesmo que com menor incidência.

A infância pobre e a repartição dos feitos, pontuadas por Helal (*et al*, 2009) como constantes nas representações dos esportistas, puderam ser verificadas também em meu *corpus* de estudo. É possível inferir, então, que se trata de etapas do trajeto individual dos atletas que são valorizadas pela mídia e que os legitimam enquanto heróis. A ênfase constante no treinamento indica que o valor dado a esse requisito na formação do atleta em esportes ditos amadores é muito mais forte do que no futebol. A família é um elemento sobremaneira valorizado após as conquistas, o que nos ajuda a entender a importância dessa instituição social na formação do brasileiro e na iniciação dos atletas ao esporte. As credences e a fé em um ente superior fazem parte do caleidoscópio religioso que marca os atletas. A sorte é outro fator que foi, em diferentes contextos, acionada para explicar uma conquista ou um fracasso. Por fim, encontra-se a humildade permeando quase todas as histórias de vida e sendo valorizada sobremaneira pelo jornalismo na descrição da personalidade dos atletas.

O sentimento de coesão nacional estimulado pelo discurso jornalístico foi verificado de modo mais intenso na década

de 1950 e diminuiu gradativamente nas décadas seguintes. Em sentido oposto, as cobranças sobre o desempenho brasileiro aumentaram gradualmente a partir da década de 1960. De uma nação que se contentava em participar e se regozijava com qualquer medalha, passamos a almejar melhores posições, auferir nossa evolução quantitativa e exigir performances dignas de nosso tamanho continental. Essa exigência, repercutida pelo jornalismo, também se refletia nas sensações dúbias que o povo brasileiro despertava nos atletas. Se, quando ganhava, o atleta dedicava o título à família e ao povo brasileiro, quando perdia ou se preparava para um encontro decisivo, evocava-se o

fato de que a opinião pública só valorizava as medalhas e as primeiras colocações.

Nessas derradeiras linhas, ressalto que a pregnância da figura do herói no imaginário coletivo é uma constante na história da humanidade e, em grande parte pelo papel da mídia, continua presente e relevante na atualidade. O mito do herói se constrói e se atualiza através da negociação estabelecida entre sociedade, meios de comunicação e atletas. Os heróis do esporte representam muitos de nossos anseios de sucesso e, nesse fato, reside uma responsabilidade extra atribuída a todo atleta.

---

### Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CABO, A.; HELAL, R. A marca de uma derrota: jornalismo esportivo e a construção do Maracanazo. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, p. p. 95-114.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.

COSTA, Leda. Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. *Logos*, v. 17, n. 2, p. 65-77, 2010.

DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. Recife: Global Editora, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HELAL, R.; MARQUES, R.G.; CABO, A. Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo. *Revista Contemporânea*, v. 13, p. 33-43, 2009.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 21-51.

**Estudos em Jornalismo e Mídia** está sob a Licença Creative Commons 2.5